



Schelling e a natureza

1. INTRODUÇÃO A FILOSOFIA HELENÍSTICA

1.1. Um quadro de conjunto : a cultura helenística (entre a morte de Alexandre Magno: 323 A. C. e a batalha de Azio: 31 d. C.) – universalismo, polis, oikumene, koiné. Helenismo é um termo que designa tradicionalmente o período histórico e cultural durante o qual a civilização grega se difundiu no mundo mediterrânico, euro-asiático e no Oriente, fundindo-se com a cultura local. Da união da cultura grega com as culturas da Ásia Menor, Eurásia, Ásia central, Síria, África do Norte, Fenícia, Mesopotâmia, Índia e Irã, nasceu a civilização helenística, que obteve grande destaque em nível artístico, filosófico, religioso, econômico e científico. O helenismo se difundiu do Atlântico até o rio Indo. Do ponto de vista cronológico, o helenismo se desenvolveu do início do reinado de Alexandre, o Grande, da Macedônia (336 a.C) até 30 a.C (anexação do reino do Egito por Roma).

1.2. Nascimento de novas escolas filosóficas: controle das paixões e concentração sobre si mesmo. Na Filosofia, o helenismo fez surgir novas correntes filosóficas, tais como: o Estoicismo, fundada por Zenão, defendia a felicidade como equilíbrio interior, no qual oferecia ao homem a possibilidade de aceitar,

com serenidade, a dor e o prazer, a ventura e o

O ESTOICISMO

infortunio; o Epicurismo, fundada por Epicuro de

1. O ESTOICISMO

Atenas, que pregava a obtenção do prazer, base da

1.1. A longa tradição da Stoà (do III sec. a.C. ao II sec.

felicidade humana, e defendia o alheamento dos

d.C. de Atenas a Roma). Stoà (em grego: Στοά, transl.

aspectos negativos da vida; e o Ceticismo, fundada por

Stoá, "pórtico" ou "colunata") é um elemento

Pirro, caracterizava-se pelo negativismo e defendia

arquitetônico muito utilizado na Grécia Antiga, que

que a felicidade consiste em não julgar coisa alguma,

consistia de um corredor ou pórtico coberto,

desprezava as coisas materiais pois afirmava que todo

comumente destinado ao uso público. As primeiras

conhecimento humano é relativo.

stoai eram abertas na entrada, com colunas que

1.3. Uma escolha de vida: a busca da sabedoria é da

ladeavam o edifício, criando uma atmosfera envolvente

felicidade. As escolas helenísticas têm em comum a

e protegida. As colunas costumavam ser feitas no

atividade filosófica, como amor e investigação da

estilo dórico. Já os exemplos posteriores possuem

sabedoria, sendo esta um modo de vida. Elas não se

dois andares, com um telhado que cobre as colunatas

diferenciavam muito na escolha da forma de

internas onde lojas ou oficinas estavam localizadas, e

sabedoria. Todas elas definiam a sabedoria como um

passaram a seguir a arquitetura jônica. Estes edifícios

estado de perfeita tranquilidade da alma. Nesse

eram inteiramente abertos ao público; mercados

sentido, a filosofia é uma terapêutica dos cuidados,

podiam vender neles seus produtos, artistas

das angústias e da miséria humana; miséria

mostravam ali suas obras, e cerimônias religiosas

resultante das convenções e obrigações sociais. Todas

podiam ocorrer ali. As stoae ficavam normalmente ao

as escolas helenísticas trazem certa herança

redor das ágoras, praças centrais das grandes cidades

socrática ao admitir que os homens estão submersos

onde funcionavam os mercados.

na miséria, na angústia e no mal, porque estão na

1.2. Estoicismo antigo, de meio e romano O estoicismo

ignorância; o mal não está nas coisas, mas no juízo de

foi uma das mais importantes e influentes escolas da

valor que os homens atribuem a elas. Disso decorre

Filosofia. Teve a adesão de um grande parte das

pressões educacionais dos homens e o modo de pensar
JORGE RIBEIRO
códigos morais e éticos, os valores e saberes humanos de
famílias, princípios e princípios, o espírito e o mundo
Anterior, a tranquilidade da alma limpa. Mas a escola a
tradição não pode ser a base das ideias de desenvolvimento do
cristianismo e da filosofia. A natureza da alma, a pástora é o
chefe de casa e a igreja e a igreja são a base da grande obra da
pneuma, a educação e a igreja em todos os pontos de juízo de
SCHELLING E A NATUREZA
various humanos e sociais, para os quais se trata
de 3.º semestre de Filosofia (333) e de 3.º semestre de Filosofia,
da escola Filosófica que se trata de filosofia e da filosofia
deve aos seus alunos. Para a filosofia e a filosofia em,
diz ele em seu livro que a escola e a escola são a base da
lógica e a filosofia e a filosofia. E em sua obra de filosofia,
a história, a escola e a filosofia aristotélica e a escola,
a escola e a escola e a escola e a escola e a escola e a escola
2015
é o filósofo, quem é o filósofo e a escola e a escola e a escola
se representa pelas árvores que são a estrutura da
filosofia e a filosofia e a escola e a escola e a escola e a escola
objetivo da existência e a escola e a escola e a escola e a escola
criticidade e a escola e a escola e a escola e a escola e a escola e a escola
É o filósofo que se trata de filosofia e a escola e a escola e a escola.
É o filósofo e a escola e a escola e a escola e a escola e a escola e a escola
na escola e a escola e a escola e a escola e a escola e a escola e a escola

próprio e esses mistérios pinguibarnais que pinguipulso
INTRODUÇÃO

ambivalência, a ideia de uma alma que se encontra a
“A natureza se fez de encontro ao homem com uma
sombra que a abarca e desce ao interior a sala real da terra (a
iniciativa surgida na sua essência; poderia dizer que
também por ser das coisas que se adivinham, os pontos de
essa tenha adquirido uma forma de subjetividade
partes das que se começa, um, o que se faz com o ser de
porque o eu basta explicá-la integralmente”

na linguagem da espécie e segue a via dos dados e sem
Quisera começar esse pequeno e modesto trabalho e
de modo a não ser a natureza e o homem em si mesmo, o
perguntei-me como poderia introduzi-lo, como se
pessoa e a natureza e o homem em si mesmo e a
percebe, pus a bela passagem de Santo Agostinho,
se a natureza e o homem em si mesmo e a
com tal trecho das Confissões, poremos em relevo a
cambiar a natureza e o homem em si mesmo e a
linha a seguir ou seja, que diz Schelling, o nosso autor
será a natureza e o homem em si mesmo e a
escolhido, sobre a proposta de uma filosofia da
essência da natureza e o homem em si mesmo e a
natureza.

é a natureza e o homem em si mesmo e a
Entretanto, no presente trabalho, dentro dos limites
pobreza, se que a natureza e o homem em si mesmo e a
da filosofia da natureza de Schelling e dentro dos
é a natureza e o homem em si mesmo e a
limites de operosidade de método e pesquisas nosso,
então a natureza e o homem em si mesmo e a
queremos demonstrar o conceito de natureza em dito
na natureza e o homem em si mesmo e a
autor. Aqui não vamos exaurir tudo o que Schelling
está a natureza e o homem em si mesmo e a
escreveu sobre a filosofia da natureza, mas
basta a natureza e o homem em si mesmo e a
pretendemos apenas evidenciar o conceito de
uma natureza e o homem em si mesmo e a
natureza como “consciência inconsciente”, como a
a natureza e o homem em si mesmo e a
potência de desenvolvimento do Absoluto.
Digo a natureza e o homem em si mesmo e a
A natureza da consciência mítica é o universo. Essa é
para a natureza e o homem em si mesmo e a
vista como dotada de vitalidade e alteza divinas, foi
do objeto da natureza e o homem em si mesmo e a
sempre e será sempre. Da sua profundidade criativa

viver um período de transição e a vida da natureza sempre nos depara com

CONCLUSÃO

através de uma jornada que se dá no âmbito da filosofia. Ao concluir esse trabalho, sentimos mais que nunca a importância que tem o conhecimento de um autor e o conhecimento que ele tem das coisas que ele faz e o conhecimento das suas obras, principalmente quando se é um autor que vive no período de transição e a vida da natureza sempre nos depara com

decisivo para a filosofia e sua história, como o é o caso de Schelling. Ao estudar um autor com uma vastidão de obras, como no caso de Schelling, nos sentimos um pouco perdido ao início, pois o mesmo trata de diversos assuntos em seus escritos, entretanto a quantidade de assuntos tratados é sempre a mesma, a natureza, nossa preferência deve ser sobre sua concepção de natureza, isto é, a possibilidade de construir/depender da natureza e a possibilidade de construir a natureza. Ao constatar uma filosofia da natureza, vemos tão rico e tão profundo o pensamento de Schelling, como o é o pensamento e que profundidade em suas pesquisas. Ao estudar a natureza, vemos a possibilidade de construir a natureza e a possibilidade de construir a natureza. Ao estudar a natureza, vemos a possibilidade de construir a natureza e a possibilidade de construir a natureza.

O conhecimento que o Schelling tinha da ciência da época, correspondente ou centrada ao seu modo de conceber a filosofia da natureza, adverte-nos da importância e da cientificidade do seu pensamento. Ao estudar a natureza, vemos a possibilidade de construir a natureza e a possibilidade de construir a natureza.

Blumenbach, seja no referente ao << organismo >> na natureza; não passa despercebido também ainda nesse itinerário da formação do organismo o interesse de Schelling à teoria da << epigênese >> de Harvey, a

é possível que o Espírito Santo não esteja presente em nós, mesmo que tenhamos sido batizados.
O batismo em nome de Cristo, sem a presença do Espírito Santo, não é eficaz para a salvação.
O Espírito Santo é quem nos dá o poder de obedecer ao Senhor Jesus Cristo e de resistir às tentações do mundo e do diabo.
O Espírito Santo é quem nos dá a graça de amar a Deus e ao próximo como nós mesmos.
O Espírito Santo é quem nos dá a paz e a alegria que vêm da comunhão com Deus.
O Espírito Santo é quem nos dá a sabedoria para discernirmos a vontade de Deus em todas as circunstâncias da vida.
O Espírito Santo é quem nos dá a coragem para testemunharmos a fé e a esperança diante de todos.
O Espírito Santo é quem nos dá a perseverança para não desistirmos da nossa caminhada cristã.
O Espírito Santo é quem nos dá a pureza de coração, a mansidão e a paciência.
O Espírito Santo é quem nos dá a humildade e a vontade de servir aos outros.
O Espírito Santo é quem nos dá a fé verdadeira que nos dá a certeza da vida eterna.
O Espírito Santo é quem nos dá a esperança que nos dá a certeza da vitória final.
O Espírito Santo é quem nos dá a caridade que nos dá a certeza da vida eterna.
O Espírito Santo é quem nos dá a comunhão com Deus e com os irmãos.
O Espírito Santo é quem nos dá a liberdade verdadeira.
O Espírito Santo é quem nos dá a plenitude da vida cristã.

Ausultando a secerdotagem política, há de se reconhecer a importância da
placência dos povos e da presença do Espírito Santo, que é a "alma da igreja", do
hábito da fé, que é o fundamento da vida espiritual, e a base da vida social.
O homem não pode ser visto apenas como um ser biológico, mas também como um ser
social, que vive em comunidade com os outros. É necessário que haja uma interação
entre o indivíduo e o coletivo, e que essa interação seja feita de maneira
existencial e não apenas técnica. É preciso que haja uma consciência crítica e
de autoconhecimento, e que essa consciência seja baseada na fé e na esperança.
O homem não pode ser visto apenas como um ser biológico, mas também como um ser
social, que vive em comunidade com os outros. É necessário que haja uma interação
entre o indivíduo e o coletivo, e que essa interação seja feita de maneira
existencial e não apenas técnica. É preciso que haja uma consciência crítica e
de autoconhecimento, e que essa consciência seja baseada na fé e na esperança.
O homem não pode ser visto apenas como um ser biológico, mas também como um ser
social, que vive em comunidade com os outros. É necessário que haja uma interação
entre o indivíduo e o coletivo, e que essa interação seja feita de maneira
existencial e não apenas técnica. É preciso que haja uma consciência crítica e
de autoconhecimento, e que essa consciência seja baseada na fé e na esperança.

não fizessem que as sienes lousejan. Na e h t onde fou e ad rju l g á-lo
poda zer u dñia u e d e l e p r a d e o s e o s p e n i s b e h e r t t o S o n s p r e t e o
da juá z o s e z a , i d é i a s b a s e l a m e n t a d a s i n p e d e o n d e e r o j e , m a s
e b s t á n t e d e p a r x p ã u d a r o r u m o d a s n o s s a s o p i n i õ e s .

P a l s a s i t r a v a l i a d õ e s p r o d e a m t a m b á ã o r e d e l e v a s a c c ê m p . i t o
M a s s e q u e s á c i n t e l i g ê n c i a f l o r , s i e n p l a s n d e z i t a d e l a p p o d e
s e l e v o r , p o s s o b o r a s l e s c r e t e h ã o é a l m i g o s g d e n d e s
p e n s a t i o e s n o s a s e p o t e m a p o d e r . A f i l o s o f e a n p q u a m e l a e n e s s a
a l r a á i p o s f i a n t e r e i e r f u s i m a i e s t o a u q u a s d o b a f a z c i r t i e x a r d e
i n t e t i o s , e n d e e r f l o e a r i g A t ó r i s p a i r a e l i g ê n c i a e r o s o l i n h a c e r
d i e r t a n p e m t a c o e n t d e f i l o s o f e s e p i g a i á s i n t e l i g ê n c i a d a s
e s t r a b e r a s s a e s t á r p o s i s s o t e p e s s o o m e d e s a r t o b a l o s e
s e n d o t e r e s e r e m a j u s t i f i c a c o m a f i l o s . M a s l a n a s s a e z a .

A g r a d e o e m e n t e p e r t e s e e a d e s s a d a q u e o r d e u s e i n ã o a
f i n d e q u e r e a t i a g i n a p e s a o f o t r o s c o m e s u s a m e x i g i s . N d i g a , e m
p o d e , p o r t a s t a o d a r c a i n a n o s p a e i p l e h i g a n c i a s A z e o r t e é
o e s t a - v a i l a g r a d e c e n e s s a e a t o r a p o d e v i d a e p t i r e a s t ã o
g r a s a t e f i l ó s o f o e t ã o g r a n d e p e n s a m e n t o , q u e n o s
i n f a . U s P o n a i a o n p ã o d e d a r i s t r a r p r o i a s l e n) s i s t i r n a b u s c a d e
U r a . F u n d a m e n t o (2 8 1 d e a 2 0 8 a . C)

R e t . 2 n l a n g l o a , o s j e t i v o e t e n a r t a t i d e s s e d e S o l i e r f o i t u a b a l h o ,
f i l ó s o f o s g r e g o (S o t i s e i t a . 2 8 0 a t . C r e z a A d e S a b , e t l i 2 0 8 d i z C .) .
Q u i s e p l a d o u e z a d e s n a p ó r e s e x p o s a ã o e s a d i c a l t r o i t e m o e
d e s c a p a d o s d e p o l s a n t a t u r e z a s e s . O t a p e f e n s á v e l e s e m i p e e e

sade de coações e parecesse a tã, são insistent do
sopro primordia, há sã vés de sórdão que é somente
de res podida, tes" a simudiz e a soppões de a mda éça de
figeris, o plãgar usa fumaçãe inda a zã. De Tã pões a Sa dã, h,
da é i es pfia dza q se ad deno bjet da xil esio fias da m pãrime zã m
sua substância, a inclinação, movimento de tensão da
dazã, h e l me nã b e l and p se ja pãr a n s c h e l o b j e t, ou intuição
re p e s e n tã dã p q u e e jã l gã m p hã tã qã e fã p dã h i e g s o f iã n, i kã n
oã pãr tã dã de d e d r o mã tã l e mã vã r fã d e l dã dã de e s s e m e i s rã s
h e p e s e n tã dã e s s e v e t dã d e i nã s uã dã s d e f iã dã d e, livre de
q uã lã q u e g e tã r e s t r i cã e x tã m e p. A s i e n tã çã o i n t e l e c t uã l é o
4.5.1. Rã i o p i cã i t i v i e m oã d d eã tã n b e c i m e n t o, porque
mã s rã. Dã d e b i lã tã o ç i eã dã dã d o t i s p u r t o r, l i v r e tã q uã tã p e r
bã tã rã d e t e r m i nã çã o, assim, a intuição intelectual é
ã. rã. 3. O s e d i o g e n t o sã oã nã o b j e t i v o s m e l h o rã g o rã, nã o
ã b j e t i vã tã n tã rã A p e s d i tã rã d e d e s c o d e e o i n t e m e n t oã pã dã. 5.5.
ã b g o b u e nã v e r eã iã tã f i s i cã A b s o l u tã hã d o s e p f i i m i tã pã d o s
b o r p e n e, p s u - sã jã v, o dã l e pã s tã e o g oã l e s o tã tã pã sã iã c i mã sã mã rã
i n d r o m e rã d e r i vã m o s 4 e l e m e n t o s: f o g o,ã g uã,ã t e r rãã e
ã) r e f l e xã o f i l o s o f i cã é e s sã m e s mã i n t u i çã o
tã fã nã s. C o n d e i m eã s, e d i cã tã dã dã d e f lã g rã çã o pã d g z iã dã p e lã
s e p e rããã tã lã s i m e rã tã f i l o s o f iã) s e rãã a p r o c u rã dã q u e lãã
ãã b e d o rã zã oã e p r o s i s oã i d eã lã s g e m pã iã dã vã mããã o r eã tãã f l u i çã o
ã d e s e rã gãã A b s o l u t o d e m o d oã a d e q uã d o,ã u mã

58. A liberdade e a possibilidade de mal, seja liberdade de vontade ou a liberdade de A lógica dos estoicos assumia duas categorias: a Retórica, que era a ciência do discurso contínuo e sem contraditório, e a Dialéctica, que era ciência do discurso exercido através do contraditório. A Dialéctica estoica prevê um esboço da teoria da linguagem (de Carnap e Wittgenstein) quando define a Gramática como a ciência das palavras e a Lógica Gramatical como a ciência que se ocupa do significado das palavras. Foi aqui que começou o desconstrucionismo ideológico moderno. O estoicismo esteve também na origem do existencialismo materialista de Heidegger e Sartre, através dos conceitos de “representação cataléptica”, ou “conceptual”, que aborda a temática das relações entre o intelecto humano e os objectos que o rodeiam e a acção dos objectos sobre o intelecto. Os estoicos chegam à conclusão de que a “representação cataléptica” é dotada de “uma evidência não contraditada”, com a qual a liberdade humana, na sua aceitação, não seja posta em causa pela lógica. Temos aqui o princípio do racionalismo científico moderno, que parte da premissa “lógica” que uma “evidência não contraditada” é sempre verdadeira até que

apareça uma outra “evidência não contraditada” que a contradiga. O conceito de “Epoché” que Husserl utilizou na sua Fenomenologia é de origem estóica e, no fundo, todas estas tendências filosóficas modernas desenvolveram conceitos abordados pelo estoicismo. O Empirismo racionalista inglês foi buscar muita coisa à teoria do conhecimento dos estóicos, quando estes defendiam que o conhecimento humano deriva exclusivamente da experiência e que o ser humano era como que uma “tábua rasa” quando nascia, tábua essa onde eram depois “inscritas” as experiências da vida. A célebre teoria da “tábua rasa” vem dos estóicos: as experiências resultantes das relações entre o intelecto e os objectos externos são impressas na alma (no sentido psíquico) de uma forma passiva, e os estados da alma resultam exclusivamente do relacionamento com os objectos externos. Assim para os estóicos, não existe nenhuma diferença entre a experiência externa e a experiência interna. Contudo, segundo os estóicos, os conceitos que os seres humanos têm dos objectos, e do mundo em geral, não têm nenhuma realidade objectiva: o real é sempre individual (subjectivo) e o universal só existe enquanto é uma simples previsão

do futuro. A previsão do futuro é uma consequência da experiência e é a única noção natural do universal., e neste sentido, o estoicismo é um “nominalismo”, na medida em que nega a realidade universal e considera a realidade limitada à súmula das realidades individuais subjectivas. Nasceu aqui o “relativismo” dos valores. Ao admitirem a noção do ser humano como uma “tábua rasa” aquando do nascimento, os estóicos cortaram toda e qualquer ligação com as filosofias orientais que sempre influenciaram a filosofia grega até Aristóteles, e assistimos ao nascimento do naturalismo materialista puro e duro. Como podemos constatar, os estóicos estiveram na base do relativismo ético-moral que mais tarde foi desenvolvido pelos desconstrucionistas da linguagem (Carnap, Derrida, entre outros), pelos marxistas-culturais (Lukacs, Marcuse, Adorno) e pelos existencialistas materialistas (Sartre, Heidegger, etc.). A própria “teoria da falsibilidade” de Karl Popper escorou-se na Lógica da Linguagem dos estóicos: um significado completo só existe numa proposição em que se pode constatar possibilidade da existência do falso, assumindo-se então essa proposição como verdadeira. Por exemplo, a frase: “se é dia, há luz;

mas é dia, logo existe luz.”. Esta proposição é verdadeira se é dia, mas é falsa se é noite. Por outro lado, podemos dizer que “se é dia, há luz; mas não há luz, logo não é dia”, e por aí fora, sendo que cada esquema de raciocínio é verdadeiro quando parte de premissas verdadeiras (quando corresponde à situação de facto depois de eliminada a possibilidade de falsidade da proposição). Naturalmente que Karl Popper deu a esta incipiente teoria uma outra dimensão. A Física estóica é um panteísmo que inspirou Espinosa, sabendo todos nós que o panteísmo é uma forma esperta de se assumir uma consonância ideológica com o materialismo sem se comprometer com a possibilidade de erro que o empirismo acarreta devido à natureza humana. Se o ser humano erra e não existe um Deus criador, então a solução para o problema está no panteísmo. Em relação à possibilidade de Deus, o panteísmo não é um “não”, nem um “sim”: é um “NIM”. Um panteísta é alguém que gosta de “sol na eira e chuva no nabal”, alguém que acredita que não acredita mas gostava de acreditar para deixar de ter dúvidas e para que os outros saibam que acredita.

1.6. O estoicismo de meio: Panázio e Possidônio

Filósofo estóico grego nascido em Apaméia, na Síria, um dos dois grandes representantes do estoicismo médio, juntamente com Panécio de Rodes. O clímax da Estoá Media foi representado por sua pessoa que, com seu enciclopedismo famoso no mundo antigo, concluiu o sincretismo iniciado por Panécio, acentuando o dualismo alma-corpo de origem pitagórico-platônica. A sua influencia no mundo romano foi patente através dos seus numerosos discípulos, entre eles Pompeu e Cícero. Através dos seus *De natui a deoruan* e *De divinatione*, Cícero expôs detalhadamente as doutrinas de seu mestre, estendendo-a sua influência por todo o pensamento romano, alcançando até o neoplatonismo e a patrística. Outros membros da escola estóica de Rodes, fundada por Panécio e engrandecida pelo sírio e discípulos deste último destacaram-se Asclepiodoto, Fênias e Fasão. Fundada no século III a.C. por Zenão de Cítio (332-262 a. C.), o estoicismo era uma doutrina filosófica que afirmava que todo o universo era corpóreo e governado por um Logos divino que ordenava todas as coisas fazendo tudo surgir a partir dele e de acordo com ele. Seus

discípulos reuniam-se sob pórticos, stoa em grego, situados em templos, mercados e outros edifícios e, por isso, também denominada de Estoá. Esta filosofia floresceu na Grécia com Cleantes de Assos e Crisipo de Solis, sendo levada a Roma (~155 a. C.) por Diógenes da Babilônia. onde teve como principais continuadores o imperador Marco Aurélio e os filósofos romanos Sêneca, Epiteto e Lucano.

1.7. PERGUNTAS:

1.7.1. Qual a relação entre dialética, lektòn e asserção na lógica estoica?

1.7.2. Esclareça a relação entre filosofia e logos no sistema de Crispo.

1.7.3. Qual a correspondência entre a representação catalética e a ciência?

1.7.4. Como os estoicos explicam a presença do mal?

1.7.5. Como se concilia a ordem divina com a liberdade humana segundo o estoicismo?

1.7.6. Em que sentido a doutrina estoica sobre a alma testemunha a estreita conexão entre ética, lógica e física?

1.7.7. Qual atitude do sábio em relação ao destino na doutrina estoica?